A CONFISSÃO DE RÉGIO

Isabel Ponce de Leão*
blepl13@gmail.com

Uma leitura reflexiva de *Páginas do Diário Íntimo* de José Régio mostra que nele convergem todas as linhas de força da sua produção desde a teorização presencista, à crítica literária, à ficção, à poesia e ao teatro; de igual modo, a obra reflete o conflito humano, assim propondo novas leituras macro textuais.

Palavras-chave: Diário, Régio, *presença*, conflitualidade, meta-crítica

A reflective reading of José Régio's *Pages of Intimate Diary* makes it clear that all major trends of his work converge into this text. From the theoretical approach under the *presença* influence to the literary criticism, from novel to poetry and to theatre, all can be found there. Furthermore, this work evidences the human conflict thus proposing new macrotextuals readings.

Keywords: Diary, Régio, *presença*, conflict, meta-criticism

Neste diário […] Régio lega-nos […] a certeza
de um saco de segredos para sempre sepultados.

Eugénio Lisboa

* Professora Catedrática / Universidade Fernando Pessoa / Faculdade de Ciências Humanas e Sociais / CLEPUL. Porto. Portugal.

O nome de José Régio sugere não só uma reflexão sobre a chamada geração da *presença* como também sobre uma obra polifacetada onde todos os géneros literários têm assento. Contudo, esta diversidade não obsta a que seja mantida uma intransigente coerência, a nível de temas e motivos, expressa por uma estilizada retórica do eu que acentua a conflitualidade, sua marca distintiva.

Desde jovem, Régio, na Coimbra de antanho, onde desembocou vindo de Vila do Conde para se formar em letras, manifestou inclinação para a *coisa literária* defendendo de forma intransigente os seus ideários. Colaborador habitual de revistas (*e.g. Bysâncio*), funda, com João Gaspar Simões e Branquinho da Fonseca, a *presença* (1927-1940) onde cooperam jovens de diferentes faculdades da Universidade, ligados pelo gosto da boémia, e amantes da tertúlia literária que, à data, acalorava o ambiente de cafés, pastelarias – neste caso a *Central* – e outros microcosmos congéneres. Um pouco na senda da "Bande à Gide" da *Nouvelle Revue Française*, passando à margem das vanguardas do início do século sem as ignorar, surge, nesta *Folha de Arte e Crítica* – subtítulo da *presença* – uma interessante proposta de equilíbrio que é "uma bandeira, um grito de revolta, uma risada na paspalhona da cara da nossa literatura nacional" (Régio, 1993a: 19). Tal como Schlumberger proclama, logo no primeiro número da *NRF*, a independência de espírito e a procura de verdade e sinceridade em arte, apenas condicionada pelo génio individual, também Régio, no número um da *presença*, em 1927, escreve:

> Em arte, é vivo tudo o que é original. É original tudo o que provém da parte mais virgem, mais verdadeira e mais íntima de uma personalidade artística. […] Literatura viva é aquela em que o artista insuflou a sua própria vida, e que por isso mesmo passa a viver de vida própria.(Régio,1993d: 1)

Reitera esta ideia posteriormente, assegurando: "Reduzir a literatura a uma espécie de produto coletivo, monótono e uniforme de uma sociedade […] – eis, precisamente o que mais detesto" (*Idem*, 1965: 143), defendendo assim o individualismo pois, "na Obra de Arte, o mundo existe através da individualidade do artista"(*Idem*, 1993c: 2). A afirmação da originalidade e do individualismo como base da criação é reiterada em "Lance de Vista" (*Idem*, 1993b: 5), artigo provocatório – como provocatória é toda a obra regiana – em que afirma ser a arte o resultado da seguinte fórmula: "o HOMEM + o ARTISTA + a REALIDADE = a ARTE"; admite, no entanto, que o valor da parcela homem deverá ser superior ao da parcela artista.

Enquanto principal mentor do chamado 2.º Modernismo, o autor de *A Velha Casa* não só defende intransigentemente os princípios acima referidos, como convoca uma visão ecuménica da Arte, albergadora da literatura – todas as formas de literatura –, das artes plásticas, da música, da 7.ª arte... Neste sentido, privilegia a receção e divulgação do pensamento e das artes estrangeiras, a fim de disseminar um espírito novo que reivindique uma necessidade urgente de renovar não só a literatura como tudo aquilo a que chama "Arte" e cujas técnicas, ainda que diversificadas, convergem para um mesmo fim.

Mas a arte, enquanto criação, necessita de uma reflexão, surgindo assim a crítica que, com ela, forma um binómio indissociável. Esta explica, afinal, o porquê e para quê da criação artística, e procede, em última análise, à sua avaliação de forma apartidária e incomplacente. "A crítica presencista, para além de apregoadamente individualista, é também espiritualista" (Ponce de Leão, 1996: 75). A obra é o produto da elaboração de algo, só acessível à inteligência por um ser transcendental, distinto do *vulgus*, sociologicamente inexplicável. Segundo Régio (1993e: 2), num artigo sobre Proust, a obra de arte eleva-se do particular ao universal, do efémero ao permanente, por virtude da sua intuitiva complexidade, originalidade e autenticidade. Esta dupla atividade da *presença*, desde logo anunciada no seu subtítulo – *Folha de arte e Crítica*, revela-se eficaz em textos críticos que, se individualistas e espiritualistas, representantes de todo o ideário, não se apresentam, por isso, escassos em isenção e em idoneidade, conferidas estas, também, pelo facto de os críticos serem simultaneamente artistas.

A passagem de Régio pela *presença* não se pode dissociar do conjunto da sua obra posto que a revista tenha sido génese de princípios e preceitos posteriormente continuados. Assim, uma panorâmica da obra do autor da *Confissão de um Homem Religioso* é por demais demonstrativa da originalidade, individualismo e provocação anunciados na revista. Também o confessionalismo e a essência do eu, quase sempre expressos em clima de grande conflitualidade, são manifestos. A isto acresce a diversidade de géneros que a enformam, onde o ensaio crítico tem similarmente papel relevante, bem como o culto do desenho e da pintura. Tendo sido um dos principais mentores do 2.º Modernismo, toda a obra mantém um clima de intransigente coerência que também se aplica à vida.

Quando, em 1994, foi publicada postumamente a obra *Páginas do Diário Íntimo*, e apesar de aí haver uma forte argumentação justificativa de José Alberto dos Reis Pereira em "Notas à Primeira Edição do Diário de José Régio", que ainda assim mostrava a sua apreensão "sobre como situar

este inédito no conjunto de uma obra exemplar" (Pereira, 1994: I), quando isto aconteceu, dizia, insurgi-me, mormente pela publicação ser truncada por critérios de subjetividade extrínsecos ao autor e por uma certa devassa da intimidade. Mesmo a afirmação do seu herdeiro: "Régio sabia que estas páginas íntimas acabariam, um dia, por vir a ser publicadas" (*Idem*, 1994: III), não me sossegou de imediato.

Nada garante, apesar da opinião do herdeiro de Régio, que as *Páginas do Diário Íntimo* almejassem publicação. Assim se levanta o problema da publicação póstuma; se, ao não ser feita, se arrisca a remeter ao silêncio verdadeiras obras de arte, também prenuncia, como cumpre, o respeito que ao seu autor é devido. No caso de autores com vasta obra publicada, como José Régio, poder-se-á tornar despiciendo e, porventura, temerária a publicação de um diário aparentemente íntimo.

Contudo – mudo propositadamente de parágrafo apesar da adversativa – vários são os motivos que me foram obrigando a aceitar esta publicação. Desde logo o testemunho de Eugénio Lisboa –

> Quando, em 1954, conheci pessoalmente José Régio, em Portalegre, foi-me dito pelo poeta, logo nos primeiros tempos do nosso convívio, que mantinha, com notável irregularidade, um diário. E logo advertiu, a explicar o seu errático arquivar de desabafos, ideias, emoções, que o diário lhe não era um género literário muito próprio (Lisboa, 1994: V).

– é demonstrativo de que não havia, por parte de Régio uma intenção de ocultação; ainda porque o próprio autor amite, ao longo da obra, uma hipotética publicação por "alguém que porventura encontre estes cadernos, se eu morrer antes de me afirmar..." (Régio, 1994: 29); depois, porque sendo Régio um homem de teatro, muito naturalmente gostaria de subir a um *plateau* ascendendo a protagonista da sua própria história; finalmente porque se trata de "um repositório variado de temas, preocupações, ideias, sondagens, emoções, confissões, e reações que o vão tornar referência obrigatória para qualquer futuro estudante de José Régio e da sua obra" (Lisboa, 1994: XIII). E apesar do autor de *Benilde* se questionar sobre a valia do seu *Diário* e sobre o porquê da sua elaboração, pondo em causa a sua prossecução – "Para deixar mais um livro? Para deixar qualquer coisa inédita depois da minha morte? Mas isto presta, este diário cobarde?" (Régio, 1994: 352) –, a verdade é que ele configura um imprescindível documento para todos os que se interessem pelo homem e pela obra.

O Diário de Régio[1] não é tão só fruto de um isolamento, outrossim uma capitalização de vivências, um exercício intelectual, um armazém epistolográfico que assume uma função terapêutica, sobretudo no que diz respeito à postura da crítica na receção às obras do autor. "Logo, se torna num lugar de interiorização e, concomitantemente, exteriorização, uma vez que não é rejeitada a publicação, e o seu conteúdo acaba por ser divulgado, quebrando-se assim a intimidade que parecia caracterizá-lo" (Ponce de Leão, 2003: 573). Por outro lado, não obedece a uma determinada periocidade, apresentando-se descontínuo e fragmentado. Interessantemente, o tempo que o autor passou em Coimbra constitui um hiato nesta escrita diarista. Entre 25 de Julho de 1925 e 17 de Abril de 1937 – tempo mais ou menos coincidente com a época da publicação da *presença* (1927-1940) – não há qualquer registo (pelo menos publicado), assim declinando obrigatoriedades temporais e estruturais.

Seguro é que *Páginas do Diário Íntimo* abrem portas para toda a obra regiana. Quando Régio diz "este pobre diário, se algum interesse ainda pode oferecer, é o de, sobretudo, ser o Diário dum escritor." (*Idem* 1994: 376), põe, modestamente embora, em evidência o contributo que este microtexto dá à destrinça do seu macro texto. É que a obra regiana, enforma um *continuum* de temas e motivos aqui também sobrelevados. Acresce que este diário é um precioso documento caracterizador de tendências estéticas, literárias e culturais de uma época, de onde sobressai o papel da crítica, sobretudo a literária, e também a postura e a dignidade do autor ao analisá-la.

Fazendo fé em Montherlant, todo o homem grandioso atua, e escreve em torno de duas ou três ideias. Tal se passa com as intransigentes coerências e fidelidades do autor de *O vestido cor de fogo* que faz da sua obra um exercício de autoconhecimento, uma procura de solução para um problema que aqui denominarei conflitualidade. O conflito é o seu, amargamente assimilado, que gere o jeito confessionalista em que o pudor se converte num exibicionismo "à Cristo" (*Idem*, 1970: 85). A profunda consciência de si, a demanda de uma auto resolução gera uma relação conflituosa consigo e com "o(s) outro(s)" que propaga através das suas angústias amorosas, existenciais e religiosas.

---

1 As *Páginas do Diário Íntimo* de José Régio foram escritas entre 1923 e 1966 e publicadas, postumamente, em 1994. O manuscrito era constituído por seis volumes, três dos quais o autor referenciava como *Diário*, chamando aos outros três *Cadernos de José Régio*. Os herdeiros publicaram o conteúdo parcial dos manuscritos com o título já referido, encontrando-se a outra parte nos reservados da *Biblioteca Nacional de Lisboa*.

As contradições amorosas / sexuais, convertidas em permanente conflito, são as mesmas que perpassam a sua poesia, o seu teatro, a sua ficção, o seu desenho.[2] Homem místico por natureza, nele se instala a oposição carne / espírito para a qual nunca alcançará um projeto conciliatório. Tragado por um desejo de absoluto, luta contra a escravização da carne, denegrindo as práticas amorosas, e vendo no amor terreno uma insatisfação permanente e uma colossal limitação do género humano. Contudo, o arrebatamento carnal nunca o abandona e, por tal, surge o conflito irresolúvel: a entrega com inocência é utópica; o desejo carnal é condenável. Ocupando a mulher em toda a sua obra um lugar de destaque, debate-se numa impossibilidade de posse total que exacerba o desejo, fomentando procuras arbitrárias e até, por vezes, pouco seletivas. Por tal, depois de anunciar nas *Páginas do Diário Íntimo* que a castidade faz parte do seu ideal de vida – "A sexualidade continua em mim poderosa e violenta. Por isso é meritória a castidade em que vivo" (*Idem*, 1994: 260) –, recorrentemente refere a sua "potência sexual" (*Idem*, 1994: 336), advinda, sobretudo, em crises de dores alérgicas, ou mesmo a sua "perversão sexual" (*Idem*, 1994: 369) chegando a admitir: "Ontem, domingo, estive numa casa de raparigas." (*Idem*, 1994: 12). Todavia, sistematicamente se penaliza tornando a contenda insolúvel: "Em Lisboa, recaí na sexualidade que procuro vencer" (*Idem*, 1994: 296), afirma; tal como o faz em "Carta de Amor": "Querida!, / Porque te chamo. / Mas amar-te?! / Não!, minha vida" (*Idem*, 1970: 86).

Também o seu problema existencial se põe com acuidade ao longo destas páginas. Existência e coexistência, vivência em isolamento, e o ser necessariamente intramundanal dividem-no entre a facticidade e a trivialidade ou a autenticidade, onde, fruto de uma aturada introspeção, se encontra consigo próprio ensaiando irresolúveis conflitos. O confronto eu individual / eu social, a não aceitação do mundo, a recusa do convencional, o absurdo da existência e a questão da liberdade são problemas sistematicamente levantados, que reclamam um poder decisório, o que arrasta Régio a um temerário confronto consigo próprio, muitas vezes na figura de um duplo que o espelho projeta. Reconhecendo a necessidade de comunicação com o mundo, deixa que se sobrepuje o seu individualismo e a sua indepen-

2 Apesar de tudo, em *Páginas do Diário Íntimo* este conflito é deslindado com uma subtileza que se distancia de outras obras, *e.g.*, *Confissão dum Homem Religioso* (1971: 163), onde se lê: "Natureza sensual, por um lado era atraído à satisfação da mera sensualidade: ao gozo simples da sensação. Mas natureza espiritual, por outro lado reagia contra esse poder do sensitivo, que me escravizava; que me parecia reduzir o homem a práticas puramente animais". Esta ideia percorre a *Confissão* sendo concretamente explicitada nas pp. 161-162.

dência, geradores de automarginalizarão, ainda que, concomitantemente, propiciadores de autoanálise que o levam a afirmar:

> Eles têm a força da violência, eu tenho a força da insinuação; eles têm os privilégios da saúde, eu tenho os privilégios da doença; eles são desejados pela sensualidade das mulheres, eu sou desejado pela sensibilidade das mulheres; eles, quando vencem, deixam atrás de si revoltados – eu, quando venço, deixo atrás de mim agradecidos; eles são fortes, eu sou delicado; eles podem ter a beleza, eu, tenho a graça; eles são alma feita corpo, eu sou corpo feito alma. (*Idem*, 1994: 29)

Não lega, de facto, Régio, esperança nem otimismo, já que, ao questionar-se e questionando os outros sobre o enigma da existência, não obtém soluções capazmente satisfatórias mas, paradoxalmente, e paradoxal e antinómica é toda a arte regiana, gera expectativas de indefinidas e infinitas respostas. Assim se reconhece nas *Páginas do Diário Íntimo* "um doido que por acaso nasceu com juízo" (*Idem*, 1994: 18), confessando: "Bem cedo me resignei a ser só – e a amar seja quem for nos seus momentos de humanidade dolorosa e alta... ou mesquinha e lastimável. O que sou, afinal, é um pobre ser essencialmente humano, conscientemente humano..." (*Idem*, 1994: 34).

Por demais conhecido é o conflito religioso de Régio sublimemente sintetizado no verso "Nascido do amor que há entre Deus e o Diabo" (*Idem*, 1965: 52), prenunciador da tão dilemática metáfora da encruzilhada. Tentando interpretar o sentido e o alcance da vida, muitas vezes se resigna face ao criador, numa atitude de impossança e desespero de quem não encontra outras soluções. Vendo-se sistematicamente dividido entre duas forças antagónicas configuradoras do bem e do mal – Deus / Diabo, Céu / Inferno, Ascese / Queda – remete-se, assazmente, para posturas de um titanismo religioso humanizador do divino e divinizador do humano. Esta ambiguidade traduz-se no conformismo com que a criatura, presa à terra, aceita a supremacia divina, questionando-se, todavia, com alguma inquietude, sobre a quota-parte de deidade que lhe parece ser devida. Aceitando a divindade, não raro se revolta contra o que nela há de recôndito que lhe confere uma serena supremacia, sendo justamente esse recôndito gerador de conflitualidade. Daqui nasce a explicação de uma obra dual, prenhe de teatralidade, em que as máscaras ocultam as tensões internas, cujos polos são Deus e o Diabo, justificadoras de adesões e recusas que configuram as *personae* que nele coexistem e que deixam antever o homem de teatro. A

busca da totalidade, feita de ausências e presenças da entidade divina, ilustradoras de uma vocação teatral, é, então, base do místico conflito regiano. Por tudo contesto Luiz Piva quando afirma que "Na luta com Deus, sai vencido o Poeta" (Piva, 1977: 49). Não sai, de facto, vencido mas convencido. Convicção baseada em lutas íntimas, em agressivas obstinações, em oposições e dúvidas sofridas, mas, por isso mesmo, mais fortalecido, convicto e, porque não, quase convertido como o confirma nas *Páginas do Diário Íntimo*: "Continuo sempre a verificá-lo: Creia ou não creia, não posso viver sem Deus. Deus é a minha força, o meu refúgio, a minha companhia. E nada sei sobre Deus, – nem mesmo se existe." (Régio, 1994: 394). Escreve no primeiro aniversário da morte de sua mãe: "Mandei dizer uma missa pela Sua alma. Pude chorar e rezar na Igreja" (*Idem*, 1994: 87).

Para além da conflitualidade regiana, este Diário é, como atrás referi, uma porta aberta para a obra e respetiva receção em que a crítica não o poupa nem é poupada.

O seu carácter rebelde e autêntico, a sua natureza independente e original, tal como sempre se afirmou na *presença*, afastam consensos e fazem dele e, concomitantemente, da sua obra, uma figura que extrema posições de amor e ódio. Sentindo-se ignorado e injustiçado pelos críticos, são recorrentes multímodos desabafos que o distanciam da crítica com quem mantém uma relação de desconfiança e, não raro, de desprezo. Assim afirma: "A maior parte das críticas que me fazem os popularizados críticos – não estão ao nível das minhas obras." (*Idem*, 1994: 105), e mais adiante: "Que sofro, *humanamente*, por não ser compreendido, – é um facto. Mas também é um facto o meu profundo sentimento de desprezo (porventura também ainda humano) pela superficialidade da maioria dos críticos" (*Idem*, 1994: 136). O sofrimento a que alude é um sofrimento real por não ser compreendido, pela mediocridade de que se crê cercado, mas também por aquele misto de complexo de inferioridade / superioridade, visível na sua produção literária.

A revolta perante a crítica assume posturas dolorosas quando se trata do seu teatro. Régio foi, como atrás referi, antes de mais, um homem de teatro. A necessidade de interlocutor, a retórica do eu, o tutear sistemático, põem-no em cima de um palco onde exibe todas as suas antinomias. Tudo isto transparece ao longo das obras poética e ficcional afirmando-o claramente o próprio autor em carta a Adolfo Casais Monteiro: "sei que nasci para fazer teatro, e que devo lutar pelo meu teatro, até com armas que, propriamente não sendo minhas, o teatro exige" (*Idem*, 1994: 165); reafirma-o, posteriormente, numa outra carta a Robles Monteiro: "o teatro continua

no primeiro plano dos meus sonhos" (*Idem*, 1994: 169). A sua obra dramática merece-lhe, se possível, maior acuidade, logo, se incompreendida, a insurreição é maior. Na senda de Wagner, concebe o teatro enquanto "*arte* autónoma" (*Idem*, 1994: 119) porque através dela se procura "uma *expressão integral* lançando mão de vários recursos vindos de vários ramos de arte" (*Idem*, 1994: 119). Assim, considerando embora que a literatura é o seu componente primordial nega o teatro enquanto género literário, porque prefere olhá-lo como uma conciliação de todas as artes em movimento:

> A verdade é que o meu teatro até hoje realizado tenta conjugar elementos diversos como a poesia ou a literatura e a música, a mímica, a oratória ou declamação, o bailado rudimentar, o cenário, os efeitos de luz, a indumentária, etc.; – embora, está claro, fique sendo ou continue sendo o poeta dramático o mestre da orquestra: o mantenedor da unidade da obra. (*Idem*, 1994: 119)

São multímodos os passos de *Páginas do Diário Íntimo* que demonstram o traço quase obsessivo com que Régio se refere à sua obra e às críticas de que é alvo. As referências à poesia são confessamente escassas – "Dantes vinham-me os versos às catadupas. Agora, só de longe em longe." (*Idem*, 1994: 361) – não deixando, contudo, de referir quer problemas com as editoras,[3] quer com a incompreensão dos críticos: "Continuam a louvar a minha poesia pelo seu aspeto dramático, violento, gesticulante, por vezes declamatório, (porventura esquecendo o que nela haja de mais rico e secreto)" (*Idem*, 1994: 117).

Quanto à ficção, ombreia com o teatro – "Estou na fase do romance e do teatro" (*Idem*, 1994: 117) – chegando, em entrada datada de 5 de Outubro de 1952, a fazer o seguinte levantamento:

> Sou autor de seis volumes de ficção, não falando de quaisquer inéditos: *Jogo da Cabra Cega*, romance; *O Príncipe com Orelhas de Burro*, "história para crianças grandes"; *Davam Grandes Passeios aos Domingos…*, novela; *Uma Gota de Sangue* e *Raízes do Futuro*, primeira e segunda partes do romance *A Velha Casa*; *Histórias de Mulheres*, novelas e contos. […] Ora parece que todas estas obras são medíocres, ou não interessam o público contemporâneo (*Idem*, 1994: 117)

Ao longo do Diário, lamenta a apreensão do *Jogo da Cabra Cega*[4] mesmo considerando-o "um livro cheio de defeitos técnicos" (*Idem*, 1994:

3 Cf. Régio, 1994: 66 e 373.

4 Cf. Régio, 1994: 65.

48);[5] queixa-se da crítica feita por Gaspar Simões a *Histórias de Mulheres;*[6] exulta, cautamente, com a génese da *Confissão dum Homem Religioso* – "Terei coragem de escrever este livro como o sonhei?" (*Idem*, 1994: 374). É, todavia, *A Velha Casa* que merece referências quase obsessivas, quer queixando-se da crítica, acusado que foi, por Guibour de Vasconcelos, de plagiar *Les Thibault* de Martin du Gard, obra que desconhece "por completo" (*Idem*, 1994) 101), quer mostrando a sua predileção por esta autoficção, segredada em carta a Adolfo Casais Monteiro, a propósito de *Os Avisos do Destino*:

> Decerto, além do estilo do analista […] também n' *A Velha Casa* há o estilo do poeta, do narrador, do realista… Mas como renunciar na minha obra capital, – *A Velha Casa*!! Grande romance em 7 partes, ou sejam 7 volumes,[7] cada um dos quais pertence ao todo e forma um livro à parte!! – como renunciar nela a qualquer das tendências fundamentais que são parte integrante da minha originalidade… (*Idem*, 1994: 344)

Trata-se, de facto, de uma obra-prima, do chamado romance longo, na senda de Balzac, Tolstoi ou Eliot, "uma espécie de testamento, como *log-book* de uma longa viagem de aprendizagem" (Lisboa, 2010: 36), que configura, como escrevi noutro local,[8] um não menos longo processo de autognose, para o qual são convocados elementos e personagens que, pertencendo ao mundo real, entram, por direito próprio, no ficcional, sem qua sua identidade seja desvirtuada. *Casa* que nem o tempo envelhece, uma casa intemporal, porque albergadora de multímodas gerações, alheias a modas ou costumes da ribalta, mas profundamente conscientes de uma ampla missão / dimensão estética e humana indiciadora da coerência da obra regiana.

Interessantemente, não há referências à sua obra plástica, ainda que atravesse o Diário "a paixão pelas antiguidades" (Régio, 1994: 67) e um interesse por todas as artes manifesto não só na maiusculação sistemática da palavra Arte, na senda dos postulados da *presença*, como nas recorrentes tentativas de definição de Arte para quem esta "é a intimidade simpática de tudo" (*Idem*, 1994: 24). Considerando-se embora um "desenhista

5 "obra complexa e, até certo ponto, 'prematura'", assim a denominou Eugénio Lisboa (2010: 71).

6 Cf. Régio, 1994: 81.

7 Saíram apenas cinco volumes: *Uma Gota de Sangue*, *As Raízes do Futuro*, *Os Avisos do Destino*, *As Monstruosidades Vulgares*, *Vidas são vidas*. Deixou, todavia rascunhos para o que seria o 6.º volume, publicados por Eugénio Lisboa em "Anexo", in *A Velha Casa*, IV vol., pp. 297-370.

8 Cf. Isabel Ponce de Leão, "Uma Casa Intemporal", in *A Velha Casa*, I vol., pp. 9-22.

de domingo" reconhece "que poderia ser um artista plástico original se a isso se dedicasse" (*Idem*, 2001: 36); mesmo não se dedicando, como afirma, quero crer que a sua obra plástica tem, para além de outras, a virtude da coerência com a sua obra literária como facilmente é verificável em muitos desenhos com que ilustrou alguns dos seus livros.[9]

Ainda que a escrita diarista, seja por Régio considerada um género secundário, pelas características remáticas – descontinuidade discursiva e fragmentarismo –, pelo registo de um dia-a-dia trivial, pelo próprio nível de língua usado e pela

> dificuldade quase invencível que tenho em manter um diário – é que, gostando muito de falar de mim, gostando demasiado, me não interessa, todavia, falar diretamente de mim senão através duma obra literária. Mas um Diário não é uma obra literária; ou os Diários que o são deixam de ser Diários. (*Idem*, 1994: 385),

a verdade é que *Páginas do Diário Íntimo* longe de corresponder a uma fase de menos inspiração do autor, acompanha toda a sua criação literária ao longo de 43 anos, tornando-se num precioso apoio para a sua compreensão e para a descoberta do seu "eu profundo"; não lhe será, pois, alheio um certo egotismo, uns veios narcísicos e o desejo de autoconhecimento já anteriormente anunciados:

9 Selecionei desenhos que presentificam, respetivamente, a conflitualidade religiosa, existencial e amorosa de José Régio. Os dois primeiros são ilustrações da sua obra poética, o terceiro é um desenho avulso.

Sim, foi por mim que gritei.
Declamei,
Atirei frases em volta.
Cego de angústia e de revolta.
[…]

Sofro, assim, pelo que sou,
[…]
Sofro por ter prazer em me acusar e me exibir!
[…] (Régio, 1970: 107-108)

Apesar de tudo, súmula e síntese de toda a produção regiana, estas Páginas do Diário Íntimo configuram as preocupações latentes na obra do escritor e enunciam a intransigência, o rigor, a autenticidade, a coerência e a quase autopunição que sempre reclamou e que veiculou em toda a sua produção artística.

Quanto à componente humana, o próprio autor afirma que ele está "cheio de insinceridades, ou, pelo menos, semi-sinceridades" (*Idem*, 1994: 254) acrescentando: "há particularidades da minha natureza e recantos da minha biografia que prefiro fiquem desconhecidos de todos" (*Idem*, 1994: 258). Ganha assim consistência a afirmação de Eugénio Lisboa que tomei como epígrafe acicatando-se o desejo de continuar a estudar as *confissões* de Régio.

Referências

LISBOA, Eugénio (1994), "Revelação e mistério: o 'Diário' de José Régio", in José Régio, *Páginas do Diário Íntimo*, Lisboa, Círculo de Leitores, pp. V-XV.

_____ (2010), *Ler Régio*, Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

PEREIRA, José Alberto (1994), "Notas à primeira edição do diário de José Régio", in José Régio, *Páginas do Diário Íntimo*, Lisboa, Círculo de Leitores, 1994, pp. I-IV.

PIVA, Luís (1977), *José Régio – O Ser Conflituoso*, Porto, Brasília Editora.

PONCE DE LEÃO, Isabel (1996), *Imagens da Vida (*presença*: poesia e artes plásticas)*, Porto, Edições Universidade Fernando Pessoa, 1996.

_____ (2002), "Uma Casa Intemporal", in José Régio, *A Velha Casa*, I vol., Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, pp. 9-22.

_____ (2003), "O dramático e o diarístico: um diálogo (em torno de *Páginas do Diário Íntimo* de José Régio), in José Romera Castillo (org), *Teatro y Memoria en la Segunda Mitad del Siglo XX*, Madrid, Visor Libros, pp. 573-580.

RÉGIO, José (1965), *Poemas de Deus e do Diabo*, Lisboa, Portugália Editora.
_____ (1970), *As Encruzilhadas de Deus*, Lisboa, Portugália Editora.
_____ (1993A), "A *presença* e os seus censores", *presença*, n.º 47, pp. 19 -20.
_____ (1993B), "Lance de Vista", *presença*, n.º 6, p. 5.
_____ (1993C), "Literatura Livresca e Literatura Viva", *presença*, n.º 9, pp. 1-8.
_____ (1993D), "Literatura Viva", *presença*, n.º 1, pp. 1-2.
_____ (1993E), "Marcel Proust", *presença*, n.º 5, pp. 2-2.
_____ (1994), *Páginas do Diário Íntimo*, Lisboa, Círculo de Leitores.
_____ (2001), *Confissão dum Homem Religioso*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
_____ (2002), *A Velha Casa*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

[Submetido em 5 de maio de 2014 e aceite para publicação
em 7 de outubro de 2014]